



Começamos o percurso desta noite. Como descobrimos, como surpreendemos em nós, na maneira com que enfrentamos uma circunstância que diz respeito a todos nós, o conhecimento novo?

**Colocação:** *O primeiro ponto que estou percebendo é que aquilo que sou, a verdadeira verdade de mim, coincide cada vez mais com o pertencer a esta companhia que é o Movimento, a forma particular de Igreja que veio ao meu encontro. Essa descoberta é uma certeza da qual estou tomando plena consciência nestes dias, em que a luta com a minha pretensão de autonomia é mais radical e mais facilmente desmascarada. Conto o fato que deixou isso mais claro. Estou vivendo a quarentena em casa, com minha mãe, meu pai, e minha irmã mais nova. Minha mãe é um leão na jaula; meu pai é um tipo mais equilibrado. Diante de quem me gerou sentia uma esperança mais profunda, que já não pode ser extirpada. Ficou evidente para mim que essa esperança, tão radicada em mim, não vem da minha “educação familiar”, tampouco de mim mesma. Em mim, com este caráter, com todos os meus limites, habita uma certeza de que, diante de um futuro incerto, de uma realidade potencialmente mais difícil, tenho certeza de que ainda assim habitará um bem. Ao perceber que não tem origem em mim, perguntei-me: “Então, de onde vem?” Foi no trabalho contínuo destes anos, em que você nos acompanha a reconhecer Cristo na realidade, que se acumulou, camada por camada, como uma rocha sedimentar, uma certeza granítica. A primeira descoberta foi esta: cresceu e está crescendo em mim uma certeza maior do que eu, fruto de um contínuo pertencer a esta companhia, ou seja, a certeza de que a realidade é positiva por ser habitada por uma Presença que me ama. A segunda descoberta é, também, uma pergunta. Estudo Medicina e, neste período, sinto-me particularmente chamada em causa. Percebo em meu coração o desejo profundo de dar tudo, impelida pelo fato de que Jesus deu tudo por nós e fez o sacrifício maior. O sacrifício é um tema que me intriga, porque normalmente o percebo como uma renúncia e isso me incomoda, não quero renunciar a nada. Os acontecimentos destes dias fizeram-me perceber com mais clareza que sou mais feliz quando sirvo. Alguns fatos caseiros ajudaram-me nisso, porque vejo que fico mais contente se me doo pela família, e no meu primeiro dia num call center – criado por minha Região para dar informações sobre o Coronavírus e proposto aos estudantes de Medicina – fiquei impressionada em ver que no final do meu turno estava feliz, assim como os outros, mesmo estranhos, à minha volta. Não só eu, mas todos os homens são feitos para servir! Desse desejo de dar tudo, nasce a minha pergunta: Como viver como Jesus, sendo dócil e obediente ao Pai no sacrifício de Si, no ser traído, no dar a vida?*

**Carrón:** A primeira coisa que me impressiona do você disse é a surpresa de ter percebido em si um jeito diferente de estar no conjunto de circunstâncias da realidade de que fala a Escola de Comunidade, em casa e no call center. Tocou-a tanto que se perguntou: “Então, de onde vem?” A primeira coisa que você fez foi uma constatação: o “conhecimento novo” não foi fruto de um esforço seu, você não precisou produzi-lo. Foi uma surpresa: alguém descobre em si essa novidade, no pertencer a uma companhia como a nossa sente-se gerado, e com essa consciência enfrenta a realidade. Como diz Giussani: é a “consciência normal com que atravessar todo o conjunto de circunstâncias da realidade”. Você percebeu que estava enfrentando as circunstâncias de um modo diferente. E, ao mesmo tempo, surpreendeu-se com o quê? Que era mais feliz quando servia. Por que, então, se preocupa com o sacrifício, com a sua resistência a ele? Trata-se simplesmente de ir atrás do gosto de servir que começou a saborear sem ter precisado fazer nenhum esforço. Por quê? Porque fica mais contente, porque isso se revelou diante dos seus olhos como um “a mais” de intensidade humana, de beleza humana, tanto é verdade que reconheceu também nos outros. Por isso, seguindo o lugar que foi dado por Cristo para gerá-la, crescerá em você a disponibilidade ao sacrifício e vai se surpreender, como diz também o início do texto da Escola de Comunidade, por ter uma capacidade de adesão – como você viu – e de dedicação à realidade da qual provavelmente antes não tinha consciência. No decorrer do caminho, também virá o resto.

**Colocação:** *No dia 3 de abril, em plena pandemia, nasceu minha sexta filha.*

**Carrón:** Parabéns!

**Colocação:** Obrigada. Esse fato amplificou a provocação que estas semanas já tinham representado para mim. As visitas ao hospital, a incerteza, a dificuldade em organizar o cuidado com os filhos, o medo do vírus, todas essas coisas se sucediam deixando-me sempre cheia de preocupação. Agora estamos em casa e estamos bem, mas observar-me nestas semanas despertou muitas perguntas sobre a Escola de Comunidade. Lendo o ponto 5, que fala da criatura nova e do olhar que ela tem para as coisas, vejo-me ainda muito imatura, muito “do mundo” em relação ao olhar descrito ali. Normalmente julgo, como diz o texto, a partir do “gosto, não gosto”, “custa-me, não me custa”. Enquanto o texto descreve assim o conhecimento novo: “Eu adentro a raiz do semblante das coisas e chego até o ponto em que a coisa é um Outro que a faz, é o Tu que a faz, Cristo” (p.86). Mas este não é o meu critério de juízo. Em particular, nos dias em que sinto mais medo por mim e por meus filhos, revolto-me com a ideia de que as coisas não estejam sob meu controle e tento organizar a vida para assumir o leme. Depois, obviamente, não consigo, porém não consigo pensar de outro jeito. Ao mesmo tempo, há muitos sinais do fato de que alguma coisa nova aconteceu na minha vida. Por exemplo: a surpresa de todos os médicos do hospital por termos seis filhos (embora eu não seja uma dona de casa ideal), ou as enfermeiras, que entravam no meu quarto e me diziam: “É bom entrar aqui porque a senhora sempre está sorrindo”. Eu também fico surpresa com essa novidade e me pergunto: “Como é que as duas coisas podem estar juntas: o fato de ainda pensar e viver como todo mundo na maior parte do meu tempo e, ao mesmo tempo, perceber que já há uma novidade que toma a minha vida apesar da minha imaturidade?”

**Carrón:** A primeira coisa que gostaria, é expressar a alegria que sinto quando vejo que vocês se dão conta de algo, porque não é comum. Muitas vezes contamos as coisas e não nos damos conta delas, mas você percebeu que o seu critério de juízo não é aquele sugerido pela Escola de Comunidade, e isto, por si só, já é um passo de consciência. A segunda coisa é que você começa a se dar conta de que, mesmo que ainda não seja o seu critério de juízo em todos os aspectos da vida, já há uma novidade que toma a sua vida apesar da sua imaturidade. Isso significa que estamos todos – você e nós – em caminho. Porque há sempre um caminho a fazer, pelo qual começamos a ver que o broto continua florescendo. Para nós basta isto, assim como você se surpreende com o florescimento, em você, de uma novidade que a maravilha. Mas isso só acontece se seguirmos o método de Deus lembrado no texto da Escola de Comunidade: “Cristo [...] estabeleceu, como *vir pugnatur*, uma luta pela ‘invasão’ da nossa existência” (p. 72), começou esta batalha em nós para nos introduzir à experiência dessa novidade e vai continuar fazendo você florescer para o seu bem, de seus filhos, de seu marido e de todos nós.

Como acontece o nascimento do conhecimento de que falou a pessoa que fez a primeira colocação e que nossa amiga que acabou de falar percebeu?

**Colocação:** Queria entender o nexa entre acontecimento e memória. Em Deixar marcas na história do mundo, sobre o qual estamos trabalhando, Giussani sempre fala de memória. No primeiro capítulo, dedica a ela uma seção do ponto 8. Escreve: “‘Memória’ indica a profundidade histórica do encontro, que chega até a raiz da qual, em última instância, este nasce” (p. 47). Volta a ela no segundo capítulo, quando fala do Batismo: “Até mesmo quem foi escolhido pode afundar-se no oceano de lama do mundo: isso se dá quando cede ao esquecimento, quando não vive a memória, que é a consciência da presença de Cristo, evento real na vida do homem” (p. 76). Também no ponto sobre o qual estamos trabalhando, fala da memória: “Na memória, o acontecimento que experimento, com toda a sua riqueza, é mergulhado no fluxo do tempo e do espaço, faz parte de uma história” (p.100). Fico me perguntando, principalmente nestes dias de grande silêncio para mim e de mudança em relação às atividades diárias, o que significa fazer memória, sem reduzir isso a uma ginástica mental à qual reservamos um momento de silêncio durante os dias. E, sobretudo, como a memória não substitui a contemporaneidade de um Acontecimento, a comoção

que Pedro viveu diante de uma Presença que o interrogava? Em suma, qual é a relação entre memória e contemporaneidade?

**Carrón:** Como vimos, o “conhecimento novo” nasce a partir de um Acontecimento e este é o início de uma memória com a qual enfrentar tudo. Na primeira colocação isso emergiu muito bem, embora com outras palavras: pertencendo a um lugar como o Movimento, nossa amiga foi facilitada a reconhecer Cristo, “se acumulou, camada por camada, como uma rocha sedimentar, uma certeza granítica” que está configurando a sua pessoa. Justamente como a familiaridade com Jesus fazia com que Pedro fosse aos poucos sendo tecido por essa memória. Isso não impedia que às vezes ele errasse, que cometesse erros como todos, mas quando foi desafiado por Jesus: “Vós também quereis ir embora?”, o que emergiu nele foi a memória de tudo o que tinha visto: “A quem iremos, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna” (Jo 6,67-68). Como vocês veem, acontecimento e memória interagem constantemente, como diz o texto que você citou: “Na memória, o acontecimento que experimento, com toda a sua riqueza, é mergulhado no fluxo do tempo e do espaço, faz parte de uma história” (p. 100); e eu vejo isso em mim ao enfrentar essa nova situação. Como dizíamos no início, começo a encarar o conjunto de circunstâncias dadas com a “consciência normal” que vai sendo gerada em nós. Por isso é mais difícil, se alguém se percebe pertencente, reduzir a memória a uma “ginástica mental”. Uma ginástica mental não é capaz de nos fazer estar diante dos desafios que estamos vivendo. Mais do que explicações, é a provocação da realidade o que nos faz verificar se nossa memória é uma ginástica mental ou a consciência de um acontecimento presente.

**Colocação:** *Há um mês, tendo precisado suspender minha atividade acadêmica de biblista, dedico meu tempo trabalhando como capelão de um hospital, dando assistência a doentes da Covid-19. Neste período, minha razão e minha afeição foram desafiadas por um problema de conhecimento: o que é a dor, o que é a morte? E, portanto, o que é a vida? Todos os dias preciso olhar essas perguntas de frente quando estou com os doentes que sofrem e morrem. Como nunca antes, nestes dias entendi, dentro de um percurso que gostaria de contar a vocês, o que significa aquilo que diz o texto da Escola de Comunidade: “A criatura nova tem uma mens nova [...], uma capacidade de conhecer o real diferente da dos outros” e também aquilo que indica como origem do conhecimento novo: a “adesão a um acontecimento” (p. 82). O hospital não faz concessões, ninguém pode olhar para outro lado, todos estamos diante do fato do sofrimento e da morte. É este o problema de conhecimento que todos devemos enfrentar. Um olhar analítico sobre a realidade, para o qual me sinto arrastado continuamente, parece concluir que tudo acaba no nada, que não somos mais do que química e física, a única lei da vida é a que segue este vírus: as leis da ciência. Não há um desígnio bom, somos fruto do acaso – todos parecem olhar assim para a realidade, embora muitas vezes não se exprimam com essas palavras –. Dada esta conclusão, o resto é apenas poesia, inclusive o que é chamado de “religião”: uma bela mas absurda consolação para aqueles que ficam. O resultado? Devo confessar: sufoco. Por quê? Você sempre nos disse: “Você está sufocando? Sufoca, porque é um positivista”. Ou seja: “Não conhece de verdade o real, faltam-lhe fatores”. Então, no hospital, comecei um belo trabalho de razão, como aquele que Jesus obrigava seus discípulos a fazer, por exemplo, no barco, quando esqueceram os pães. É o trabalho de uma razão afetivamente empenhada diante de um acontecimento, não de uma razão deixada sozinha com seus pensamentos tentando fazer uma análise inalcançável de todos os fatores em jogo. É isso o que significa “pensar partindo de um Acontecimento” (p. 82). Se me perguntassem: Quem você conheceu nestes anos? O que entrou na sua vida? O que arrastou a sua razão e a sua afeição? Gostaria de reduzir tudo isso a zero?”, certamente poderia dizer que conheci o Mistério de Deus feito carne. Aquele que sustenta o meu ser neste instante entrou na história e eu o conheci. E começo a respirar. Certamente não por causa de um input sentimental, mas por causa de um percurso da razão que volta a reconhecer algo que existe! Um percurso que não seria possível sem a contemporaneidade de um rosto, o de Cristo, que é “instrumento de um trabalho não de todo perdido na pura intuição solitária”. (P. P. Pasolini). Então me dou conta da mentira do olhar analítico sobre a realidade que parece concluir que tudo acaba no nada. Na Escola de*

*Comunidade, Dom Giussani é muito lúcido quando identifica essa mentira: “a mentalidade comum [...] para julgar, tende sempre a subsumir os aspectos particulares dentro de um universal abstrato (p. 83). O universal abstrato seria o dado ao qual a razão universal chega: a morte, a decadência de tudo. Segundo essa mentalidade, o acontecimento histórico, particular, de Jesus, não teria a capacidade de explicar um problema universal da razão como a morte. Mas quem disse isso?! Quando entro no hospital, entra comigo o acontecimento novo que mudou a história. Entra o conhecimento novo sobre o problema que todos devem enfrentar: o sofrimento, a morte. A primeira coisa que me surpreende é que o Acontecimento de Jesus escancara a minha razão, pelo menos em dois sentidos. Em primeiro lugar, permite-me conhecer que antes do dado da morte há a surpresa diante do dado do ser. Não é possível concluir que tudo é nada! Dizer que tudo é nada é uma mentira da mentalidade comum. Certo, estamos numa realidade contingente, mas o homem é justamente aquele nível da natureza em que esta “se torna experiência da própria contingência”, ou seja, “subsiste por causa de outra coisa, porque não é feito por si”, como aprendemos no décimo capítulo de O Senso Religioso (p. 164). Quanta companhia esse capítulo me fez! Verdadeira ajuda para um trabalho sobre o instrumento do pensamento! Em segundo lugar, o acontecimento de Cristo que me alcançou na minha história me faz conhecer o rosto do Mistério que a razão pode intuir no dado das coisas. Sem esse acontecimento particular eu não poderia tê-Lo conhecido! Meu conhecimento se deparou com Ele na história. Eu entrei no hospital com esse conhecimento novo, e posso lhe garantir, Julián, que nesta conjuntura histórica é um conhecimento mais necessário do que nunca, visto que os doentes estão sozinhos nos quartos: sem o marido ou a esposa, sem os filhos. Assim, posso sussurrar nos ouvidos dos doentes graves as palavras de Dom Giussani: “Há uma relação com o Mistério que faz todas as coisas, há uma relação com o Mistério que se fez carne, homem, Jesus, que é imensamente mais humana, mais minha, mais imediata, mais tenaz, mais terna, mais inevitável que a relação com qualquer um – com a mãe, com o pai, com a noiva, com a esposa, com os filhos [parece a lista dos familiares que não podem acompanhar os doentes nos hospitais!] –, com todos e com tudo” (p. 85). Esta é a novidade que entrou na história por meio de um acontecimento particular: há uma relação com o Mistério tornado carne que é mais inevitável e terna do que a relação com minha mãe! Ele morreu e ressuscitou, introduzindo uma luz nova sobre a morte. Um conhecimento novo. Obrigado, Julián, por me desafiar neste nível, permitindo-me fazer um caminho humano de conhecimento da realidade! Com certeza posso dizer que me tornei mais religioso nestas semanas, conheci mais o mistério da realidade, e Cristo, que a sustenta.*

**Carrón:** O percurso que você fez – e que é preciso retomar com calma – é uma oportunidade para cada um de nós para vermos o que significa, existencialmente falando, que um acontecimento particular da história representa a chave para iluminar tudo, porque tem uma pretensão universal em relação ao problema da vida. O fato de ter visto Cristo ressuscitado (um evento particular) tem a pretensão de explicar um problema universal da razão (no caso que você citou, o problema da morte, diante da qual não há escapatórias). Esse evento particular – a ressurreição de Cristo, que estamos vivendo neste tempo litúrgico – põe-se como a solução de um problema como a morte. Tem uma pretensão universal, mas é um ponto particular. Por que é fundamental o que você contou? Porque, se não damos exemplos com os quais podemos ver que só através de um relacionamento particular conseguimos viver a realidade de modo verdadeiro, acabamos reduzindo tudo às nossas análises. Por isso é tão importante perceber, como se dizia antes, que o pertencer gera uma possibilidade de olhar para aquilo que todos vivem com uma intensidade e com uma densidade que os outros não conseguem ter. E não porque somos visionários, mas porque, pelo fato de pertencer a um lugar, podemos olhar para tudo de modo diferente. Por isso me interessa que vocês descubram, nos episódios mais banais da vida, de onde nasce o conhecimento novo.

**Colocação:** *Queria contar alguns episódios que aconteceram comigo e minha filha, que tem quase quatro anos.*

**Carrón:** Bom! Gosto disso: falar da relação com a filha. Algo que parece aparentemente não ter nada a ver com o “conhecimento novo”, com a fé. Como a relação com sua filha introduziu você a um olhar mais adequado para a realidade? Explique-nos!

**Colocação:** *São episódios de que me lembrei enquanto lia o texto da Escola de Comunidade sugerido para este encontro. No início da quarentena, minha filha parecia muito serena. Porém, cerca de duas semanas atrás, me disse que queria voltar a fazer as coisas boas que fazia antes, e começou a chorar. No dia seguinte, levei-a para brincar no parquinho do nosso condomínio e ela me perguntou: “Mamãe, você é feliz?” Eu respondi que sim e perguntei se ela era. Ela me respondeu que sim, que é feliz se eu estou presente e quando está comigo. Além desta, fez muitas outras perguntas e questões. Por exemplo, me disse: “Tenho medo se você não está aqui, mamãe, e se você voltar a trabalhar vou ficar com medo” (sou médica; agora estou em licença maternidade, mas em breve voltarei ao trabalho). Quando li o trecho da Escola de Comunidade sobre a moralidade, sobre o “sim” de Pedro e sobre seu relacionamento com Jesus, lembrei-me imediatamente das conversas com minha filha: é evidente como ela é totalmente catalisada por uma presença (a da mãe), à qual pode fazer qualquer pergunta e no relacionamento com a qual toda a possibilidade de mal que pode acontecer no futuro não tem espaço. Lembrei-me disso quando ela me disse: “Sou feliz se estou com você”, ou “Tenho medo se você não está aqui”. Vê-la assim nostálgica e cheia de questões fez nascer em mim um certo véu de tristeza. Pensei no fato de que todos os dias me empenho muito para fazermos coisas boas juntas, no entanto, evidentemente não é suficiente para ela; ou melhor, a única coisa de que precisa é um amor, uma presença amorosa. Ficou evidente para mim como eu estava partindo de novo de uma capacidade minha (quando consigo ou não consigo lidar com as crianças), dos meus limites e não de um relacionamento que “toma tudo”, como descrito no texto da Escola de Comunidade, e como fui ajudada a dar-me conta e a descobrir isso graças também a alguns amigos na última reunião do nosso grupo de Escola de Comunidade, quando contei essas conversas com ela. Obrigada pelo modo como você sempre me ajuda!*

**Carrón:** Fico impressionado com o que você percebe em sua filha, não a inteligência dela, mas a capacidade de conhecer que ela tem. O que determina o relacionamento dela com a realidade? A sua presença, um particular. E isso dá a ela um olhar mais adequado para a realidade. Sua filha, toda catalisada por uma presença – um acontecimento particular – resolve um problema universal que todos temos: a felicidade. Esse relacionamento define seu modo de estar na realidade. Se falta esse particular – você –, ela fica determinada pelo medo. Mas nós, mesmo estando diante de fatos desta magnitude, não nos alegramos, porque não nos introduzem na realidade. De fato, logo depois, você se castiga porque não é capaz de tirar esse véu de tristeza, mas o mais espetacular é ver o que sua filha está lhe dizendo numa passagem da Escola de Comunidade: é uma presença real, histórica, particular que introduz você na totalidade do real. Não é que sua filha tenha feito uma análise da situação mais aguda do que a sua, mas percebeu melhor a realidade tendo você diante dos olhos. Vocês se lembram do exemplo que dei anos atrás da criança no parque de diversões? Fica toda entusiasmada quando está na companhia dos pais e amedrontada quando se afasta deles (como sua filha, quando está longe de você). Então, qual é o modo verdadeiro de viver o real? Quando a criança está com os pais ou quando, estando sozinha, é toda determinada pelo medo? A realidade verdadeira é aquela que ela vê – e sua filha vê – quando está acompanhada por uma presença. É o que Giussani tem diante dos olhos quando olha para tudo: uma Presença. Por isso, a questão é prestar atenção ao que acontece. Fiquei muito impressionado ao ler, numa revista feita por nossos amigos de Madri, o artigo de um escritor espanhol, Jesús Montiel, que foi catalisado, como você, pelo que via acontecer nos filhos. Escreve: “Meus filhos não param de me surpreender. Durante o confinamento não expressaram nenhuma palavra de reclamação. Diferentemente de nós, os adultos. Aceitam a situação porque a verdadeira normalidade de uma criança é a sua família”. Para ele não é só uma questão de agora. De fato, já escreveu um romance descrevendo a doença do filho: “Lembro-me de uma quarentena mais longa, num hospital. O câncer de meu filho mais velho nos obrigou a viver durante dois anos numa ala de oncologia infantil. Ele não se queixou nem naquelas

circunstâncias. Tinha dois, três e quatro anos. Aquelas crianças sem cabelos mostravam uma docilidade escandalosa, não esperneavam. E aquela postura disciplinada, tão distante do murmúrio dos adultos, foi, para mim, uma lição inesquecível. Agora vejo, de novo, a mesma aceitação nele e nos seus irmãos. É incrível. Uma aceitação que não é conformismo, mas verdadeira adesão”, sem introduzir no olhar nada de estranho. E justamente como sua filha lhe disse, Montiel escreve, sobre seus filhos: “Basta-nos você, dizem. E o dizem sem palavras, com a linguagem dos sábios: com gestos. A vida é um retorno a essa sabedoria milenar que as crianças ostentam sem esforço, voltadas para o presente que nós negligenciamos [e, por isso, logo nos agitamos]. Fiquei comovido com meus filhos nestes dias e, às vezes, choro escondido por tudo o que me dão sem pedir nada em troca. São indicações de caminhada para minha alma, que às vezes vaga desorientada. As crianças, acredito, são a prova de que não somos feitos para projetos, mas para viver amando e sendo amados. Só assim a situação contingente [os desafios] tem um sentido e o presente não desmorona” (*The Objective*, 2 de abril de 2020).

Tendo isso presente, podemos reler este trecho da Escola de Comunidade: “A forma como nasce o critério para julgar pode ser indicada sinteticamente pela palavra ‘olhar’. [...] Estar diante do acontecimento que encontramos sem repentinamente suspender a lealdade do nosso olhar” (p. 84). E o que Dom Giussani dá como exemplo para nos fazer entender do que está falando? “É semelhante à atitude de uma criança diante da realidade, que não inventa nada, não deixa nenhuma outra preocupação penetrar em seu olhar”. Bastaria isto como sinal para entender se suspendemos nossa relação com o acontecimento que encontramos, se paralisamos nosso olhar para ele: se introduzimos preocupações estranhas. Assim que paramos de ter a postura da criança, começamos a nos preocupar, enquanto “é a lealdade do olhar ao acontecimento que nos leva longe” (p. 84). Quem mais descobriu isso no relacionamento com os filhos?

**Colocação:** *Nos primeiros dias em que o Coronavírus nos obrigou a ficar em casa, ficou muito evidente que a coisa era maior do que eu, que não pude fazer nada além de aceitar dar espaço ao que estava acontecendo. Foram dias realmente ricos. E preciosos. Aprendi a olhar para os meus filhos a partir de outra perspectiva. Fizemos muita companhia uns aos outros. As crianças não podiam acreditar que estávamos todos ali para elas, dia e noite. E sem a costumeira pressa dos dias normais. Aprendemos a apreciar a nossa casa. A fazer silêncio e a brincar juntos. A assistir a um bom filme e estudar. Também me impressionou muito o fato de eles terem aceito imediatamente a proposta minha e de meu marido de rezar uma dezena do Terço todas as noites para confiarmos a Nossa Senhora este momento tão particular. No entanto, o tempo passou e eu, como sempre acontece, me “acostumei” também com isso. Comecei a “organizar” as coisas da maneira como tinha em mente. Aquilo que, no início, olhava acontecer, agora tinha se tornado algo que eu criava de acordo com a forma como me sentia nesta ou naquela manhã. Parei de dar espaço ao Mistério. E tornei-me triste. Os dias começaram a ficar pesados. Depois, li no texto da Escola de Comunidade: “‘Mesmo vivendo na carne’, ou seja, na situação tal como é [...] ‘vivo pela fé no Filho de Deus’, ou seja, pertencço a um Acontecimento, a uma origem que muda a forma do olhar” (pp. 84-85). Mas por que, se é tão evidente, o meu olhar tem tanta dificuldade de mudar? Fico escandalizada com o fato de que o divino coincide com a consistência última do real, do homem. Eu paro no meu limite. Não “adoro” o rosto do meu marido, mas, muito mais frequentemente, percebo nele aquilo que não é como eu gostaria. É possível que para deixar espaço ao Mistério e olhá-Lo em ação eu tenha necessidade de que aconteça continuamente um Coronavírus?*

**Carrón:** O que seus filhos ensinam a você? É preciso o Coronavírus ou a presença da mãe?

**Colocação:** *A presença.*

**Carrón:** Não é o Coronavírus que nos faz manter esse olhar, e vamos ver isso quando sairmos do isolamento. Como se dizia antes, só o recontar do acontecimento é capaz de nos fazer manter constantemente esse olhar ao invés de suspendê-lo. Como você vê, a um certo ponto, paramos de dar espaço ao Mistério, ou seja, nos afastamos d’Ele e, então, começamos a nos agredir, aparece um “véu de tristeza” porque não somos nós que resolvemos o problema dos filhos (assim como o do

marido ou o nosso). A única possibilidade é que nós nos deixemos atrair constantemente – sem deixar entrar outra preocupação – por uma presença que introduz em nós uma novidade, assim como a introduz nos filhos. Os filhos nos lembram, como escreve o escritor espanhol, qual é a postura verdadeira. Não é uma questão de moralismo, de um esforço que devemos fazer, mas de olhar. “O que faz perdurar a capacidade de julgar adequadamente a realidade é um *affectus*, como o que tinha Simão, afeiçoado a Jesus de uma maneira tão pura e profunda” (p.84).

**Colocação:** *No quinto ponto do segundo capítulo do livro, fiquei tocado com as seguintes palavras, que estão depois do trecho que explica o que significa olhar para o rosto de uma garota segundo a carne. O texto diz: “‘Mesmo vivendo na carne, vivo pela fé’ significa, ao contrário, que eu enfrento a relação com essa garota na fé do Filho de Deus, na adesão a Cristo. E então essa garota, na medida da atração que desperta, é o sinal por meio do qual sou convidado a aderir, na carne, ao ser das coisas, a descer até a realidade das coisas, até onde as coisas são feitas” (p. 85). Estas palavras me fascinaram muito, diria que tanto quanto a mítica página 167 do décimo capítulo de O Senso Religioso; aquela do “viver intensamente o real”, tanto que, nestes dias, sempre me digo: “Hoje, amanhã, quero ver o que significa relacionar-me desse modo com minha mulher e com meus filhos”. Estou trabalhando em casa em home office, não tenho muitas outras possibilidades neste período. Então, o que aconteceu nos dias em que comecei com esse propósito? Na verdade, pouco; pouco dessa intensidade aconteceu. Eu poderia dizer: fiz experiência de “viver o real distraidamente”, ao invés da profundidade e de todo o resto que o livro explica bem! Totalmente tomado pelas coisas a fazer, pelos e-mails que precisava ler e enviar, pelas reuniões on-line, meus dias normalmente eram vividos “superficialmente” e à noite estava cheio de aridez e de tristeza, sempre irritado comigo mesmo por ter tratado “distraidamente” a mim e a todos aqueles que encontrei. Perguntei-me mais uma vez, e ainda pergunto: “Por quê? Por que o fascínio que experimento pelas palavras da Escola de Comunidade não se traduz num modo de viver igualmente “belo”, igualmente adequado ao meu desejo? Talvez porque não o peça verdadeiramente? Talvez porque, no fundo, eu pare um pouco antes?” Realmente precisaria de uma ajuda sobre isto.*

**Carrón:** Que sugestão o texto da Escola de Comunidade lhe dá? O Mistério vem ao seu encontro, leva-o a “viver intensamente o real”. Portanto, trata-se de aceitar a provocação da realidade através de alguém ou de algo – por exemplo, uma frase, como você disse, citando o livro: “Vivo na fé...” – de que o Mistério se serve para bater à sua porta e tirá-lo da distração. Não são os seus propósitos que vão tirá-lo dessa situação, mas seguir, como fazem as crianças, esta modalidade: deixar-se atrair por uma presença. Quanto tempo perdemos não indo atrás da modalidade com que Dom Giussani nos introduz no real! É a modalidade que vemos nas crianças. E é muito fácil! Por isso, me interessa pôr diante de todos nós as crianças, e Dom Giussani nos convida a reconhecer isso. Não precisamos ficar irritados porque não somos capazes de vencer a aridez e a tristeza que experimentamos. Se fôssemos capazes, não precisaríamos de um Outro! Por isso é inútil nos lamentarmos, devemos mais aprender aquilo que Jesus diz: só quem é como a criança pode entrar no reino de Deus, pode participar da novidade que Ele introduziu no mundo (cf. Mt 18,1-5). Quem percebeu isso?

**Colocação:** *Vou contar brevemente sobre as últimas semanas. O nível do desafio é cada vez mais alto para mim! Nestes dias, muitas vezes pensei que gostaria de estar em outro lugar: com a minha família (entre outras coisas, alguns dias atrás nasceu meu sobrinho), com os amigos ou simplesmente cuidando das minhas coisas. Uma manhã, acordei e percebi que estava na defensiva. Mas introduziu-se uma hipótese diferente.*

**Carrón:** Este é o ponto! Você pode se levantar estando “na defensiva”, mas a questão é se deixa entrar “uma hipótese diferente”.

**Colocação:** *Ou melhor, uma pergunta sobre a realidade que me esperava além da porta do meu quarto: “Do que você tem medo? Você acha que, mesmo aqui, hoje, não pode haver algo para você?” Senti uma gratidão imensa por esse olhar diferente que sempre me é oferecido como possibilidade, porque se introduziu na minha vida. Se também hoje quero viver a vida como*



*significado, não tenho outro lugar a não ser as circunstâncias que me são dadas. Aquele dia não foi um esforço, não foi um aguentar até finalmente poder fazer o que desejo. Foi um viver livre, cheio apenas do desejo e da curiosidade pelo que havia para mim. Intuo que está em jogo uma coisa muito preciosa para mim. A pior coisa que poderia me acontecer seria começar a viver validando a minha visão das coisas e não vendo mais a realidade. Desejo com todo o coração deixar-me desafiar pela realidade, assim como é, sem atenuar o impacto. Por exemplo, me propuseram mil encontros e jogos virtuais com os amigos... Um pouco, pode ser divertido, mas prefiro não reduzir o drama da falta, da nostalgia e deixar-me sacudir até o fundo. A primeira graça que vejo na minha vida é minha mudança, saber estar diante da circunstância que me foi dada. E, depois, o surgimento de pedidos, sobretudo o pedido de abertura, não só a dizer sim a fazer certas coisas, mas mais profunda: uma abertura a permitir realmente a colocação da pergunta: “Você me ama? Há algo que você defende de Mim porque tem medo de que ali Eu não possa vencer?” Essa abertura última me parece a coisa mais preciosa em jogo para mim, esta moralidade, como a chama o texto da Escola de Comunidade. Não sabe como sou grata pelo fato de que há alguém que continua mantendo vivo esse desejo de vida verdadeira, em qualquer lugar e sempre, que quer que eu esteja viva e aprofunda continuamente o meu olhar, continuando a me fazer, de mil maneiras diferentes, mas sempre – no fundo – esta pergunta: “Você me ama? Quer estar Comigo agora, aqui, onde não lhe falta nada se Eu estou presente?” Agradeço por sua grande amizade.*

**Carrón:** Está vendo? Ninguém garante que nos levantaremos de manhã sem estar na defensiva, mas, de qualquer forma, a pessoa pode abrir-se a uma outra possibilidade e começar a olhar as circunstâncias aceitando deixar-se tocar pelo que vem ao seu encontro, como nos ensina Dom Giussani. E quando não se distrai com outras coisas que pareceriam facilitar a solução, mas aceita a realidade assim como é, começa a dar-se conta de que a mudança não é tanto fazer outras coisas, mas uma abertura, uma abertura ao Tu que vem ao seu encontro naquela circunstância. “Você me ama? Por que tem medo?” Deixar entrar esse Tu, sem suspender a lealdade do olhar a Ele, torna possível o “conhecimento novo”. Sou introduzido nele aderindo a este Tu com toda a minha liberdade.

**Colocação:** *A experiência que fiz do conhecimento novo, como “única possibilidade de se relacionar com a realidade sem preconceitos, conforme a totalidade de seus fatores” (como diz no ponto 5, página 83), só é possível a partir da “contemporaneidade com o acontecimento que o gera”. Ultimamente tive dificuldades no trabalho e não conseguia retomar, sentia-me definida por isso. Fui reler sua carta de Natal publicada no Corriere della Sera, porque me lembrava que esta frase tinha me tocado: “Por que não olhas para ti como eu te olho, como olho para a tua humanidade? Não percebes que me fiz menino justamente para mostrar-te toda a preferência que tenho por ti?” (24 de dezembro de 2019). Isto abriu uma brecha. Aos poucos comecei a respirar e foi a primeira mudança de olhar, que já me arrancou do nada. Porém não acabou aí, porque nos dias seguintes li, na página 85: “Vivendo na carne, participo de um Acontecimento que me torna capaz de um entendimento novo das minhas circunstâncias, mais profundo e verdadeiro”. Enfrentando as circunstâncias na fé do Filho de Deus, na adesão a Cristo, “sou convidado a aderir, na carne, ao ser das coisas, a descer até a realidade das coisas, até onde as coisas são feitas”. Isso me fez perceber que tinha parado no contragolpe e não tinha descido até a carne das coisas. Sendo que, ao contrário, quando desço “até a realidade das coisas, até onde as coisas são feitas”, então, “a pessoa que tenho à minha frente, quem quer que seja ela, é e assinala o caminho seguindo o qual chego até Cristo, até o Tu de que todas as coisas são feitas, e por isso tenho por ela estima, respeito, adoração, posso adorar o seu rosto” (pp. 85-86). Esta foi como que uma revolução copernicana porque, de repente, ficou claro para mim que a relação com as pessoas, mesmo com aquelas com quem tenho alguma dificuldade, poderia em vez de ser uma ocasião de um impedimento, ser uma possibilidade desejável para mim e para elas. Além disso, entendi uma coisa sobre mim: que, só dentro do abraço de um Tu que me ama e me quer, é que posso admitir meus*

*limites sem problemas, com liberdade, não sentindo-me definida por eles, senão me defendo deles. Concluo dizendo que o fato de o texto da Escola de Comunidade, às vezes tão difícil, ter me falado dentro das circunstâncias, foi um acontecimento: a Escola de Comunidade iluminou a realidade, que iluminou a Escola! Estou muito feliz porque, às vezes, invejava as pessoas que se colocam nessa Escola de Comunidade, porque não acontecia comigo o que acontece com elas. Mas também aconteceu comigo, nessa pequena circunstância. Talvez seja preciso apenas ter a humildade de observar e a lealdade de olhar para o acontecimento.*

**Carrón:** É assim mesmo. “Isso me fez perceber que tinha parado no contragolpe”, ou seja, que tinha ficado só na aparência sem descer até o profundo das coisas. É a isto que Dom Giussani quer nos educar: não a buscar um caminho alternativo, dualista em relação à realidade, mas a viver intensamente o real para alcançarmos com o olhar a profundidade das coisas, e dentro dessa profundidade reconhecermos o Tu que as faz. “‘Mesmo vivendo na carne, [...] vivo pela fé no Filho de Deus’, ou seja, pertenço a um Acontecimento, a uma origem que muda a forma do olhar: a forma do olhar passa a ser a fé” (p. 85). A fé é este olhar até o fundo do real possibilitado por sua Presença, senão o dualismo prevalece. Ao contrário, desse modo, qualquer circunstância ou “a pessoa que tenho à minha frente, quem quer que ela seja, [...] assinala o caminho seguindo o qual chego até Cristo, ao Tu de que todas as coisas são feitas, e por isso tenho por ela estima, respeito, [...] posso adorar o seu rosto” (pp. 85-86). Essa é uma “revolução copernicana”, como você diz. É sobre isso que devemos decidir, amigos: aceitar essa revolução copernicana que Dom Giussani introduz no relacionamento com a realidade para vencer o dualismo ou multiplicar a vida de iniciativas que passam sem deixar rastros. Esta é a nossa contribuição para o mundo, o nosso “sim” a Ele.

**Colocação:** *Depois de uma noite de videoconferência com alguns amigos, nasceu uma pergunta: “Será que o meu olhar que se abre e a minha adesão, o meu sim, podem ser realmente úteis ao mundo? Naquela noite falamos justamente sobre a situação que somos obrigados a viver, fizemos análises econômicas deste período, analisamos as informações, as comunicações, “fase um” e “fase dois”. Parece-me impossível que meu sim possa contribuir de algum modo para o mundo. Como pode o meu sim, estando fechada em casa fazendo as mesmas coisas simples e banais, cotidianas de sempre, ser útil para o mundo? Dizia a mim mesma: “Pode servir para mim, e já é muito, mas ao mundo?” Parecia-me impossível. Como se o que você escreveu na carta à Fraternidade – “Neste momento [...] o reconhecimento de Cristo e o nosso “sim” a Ele, até no isolamento em que cada um de nós possa ser obrigado a estar, já é a contribuição para a salvação de todos os homens hoje” (Milão, 12 de março de 2020) – no fundo, no fundo, não fosse possível. Depois, aconteceu um fato, e gostaria de entender se estou no caminho certo. Esta manhã levantei-me e encontrei em cima do criado-mudo o café da manhã preparado por minha filha. O gesto dela tornou evidente para mim que sou objeto de um bem infinito e, para mim, preparar o almoço hoje carregava um desejo de bem para todos os que estariam à mesa. Disse a mim mesma: “Se algum dos sete que vão almoçar nesta mesa vir este bem, poderá levá-lo para onde está. E, assim, sucessivamente, como uma cascata, se Deus quiser”. Depois, retomando o texto da Escola de Comunidade, li o ponto onde Dom Gius diz: “O bem não é um ‘bem’, mas a adesão a Ele; é seguir esse rosto, a sua Presença, carregar sua Presença por toda parte” (p.99). Então, a dúvida diabólica que tinha se insinuado naquela noite como que vislumbrou um caminho para ser dissolvida. Gostaria de saber o que você pensa sobre isso. Obrigada.*

**Carrón:** Perfeito! Está vendo? Você já tem a resposta para a pergunta que fez: a dúvida se “dissolveu”. Por que se dissolve? Porque a pessoa reconhece que a forma com que responde, o seu “sim”, torna-se um bem para todos. Vimos isso hoje, em muitos episódios que foram contados: quando uma mãe percebe o bem que é para sua filha, e vice-versa, quando outra está no hospital para dar à luz e as enfermeiras dizem que é diferente entrar no seu quarto. Cada uma das coisas que vocês contaram esta noite demonstra qual é a nossa contribuição para o mundo. Por quê? Porque nós recebemos a graça – vimos isso na Escola de Comunidade – justamente para isso, esta é a nossa

tarifa: “Os apóstolos e seus sucessores entram, com Cristo, no fluxo de seu Espírito e participam da própria missão de Jesus. Introduzir a humanidade na relação definitiva com o mistério de Deus é sua função fundamental: é a tarefa para a qual foram escolhidos. E, com os bispos e os sacerdotes, todos os cristãos são chamados a fazer parte dessa escolha e da responsabilidade dessa função” (p. 71). Introduzir a humanidade no relacionamento definitivo com o Mistério, porque o bem é a adesão a Ele. Esta é a nossa função fundamental, nós que recebemos a graça de ter sido escolhidos pelo Mistério: ser testemunhas daquilo que é para todos.

Na medida em que vivemos a unidade do eu sem dualismos, do encontro ao Tu, e experimentamos um olhar totalmente unitário, tornamo-nos mais conscientes de que a fé “floresce no limite extremo da dinâmica racional, como uma flor de graça a que o homem adere com sua liberdade” (p. 42). A fé, de fato, gera um eu totalmente unido que, por sua vez, suscita em sua volta unidade, ou seja, comunidade. Somente na medida em que seguimos a proposta que Dom Giussani nos fez, podemos vê-lo acontecer em nós e nos outros.

## AVISOS:

Escola de Comunidade. Neste período estou preparando um texto para continuar o trabalho sobre o tema que tínhamos escolhido para os Exercícios Espirituais que não pudemos realizar este ano: “O que nos arranca do nada?”

A Introdução já está pronta, e a escrevi a partir das contribuições sobre a experiência que vocês viveram diante dos desafios impostos por este tempo de Coronavírus.

Para a próxima Escola de Comunidade, portanto, proponho que comecem a trabalhar sobre a Introdução – vocês a encontrarão no site de CL a partir de segunda-feira, 11 de maio –, continuando a ter presente os dois primeiros capítulos do livro da Escola de Comunidade que discutimos nestes meses e sobre os quais ainda estamos trabalhando. Como também vimos nesta noite, eles são cruciais porque estão na origem da “revolução copernicana” da qual falava nossa amiga, afetam, de fato, nosso modo de conhecer, de estar na realidade, e são uma ajuda para entendermos bem o relacionamento que há entre o “conhecimento novo” que o acontecimento cristão introduz na nossa vida e as circunstâncias. A capacidade nova de olhar e de afeição descrita nesses dois capítulos é a única forma verdadeira de viver o presente e deveria ser a consciência com que atravessamos todas as circunstâncias da realidade.

“Para que a mentalidade seja realmente nova, é preciso que, a partir de sua consciência de ‘pertencer’, esteja continuamente empenhada na comparação com os acontecimentos presentes. Nascendo de um lugar presente, essa mentalidade julga o presente, caso contrário, não existe: se não entra na experiência presente, o conhecimento novo não existe, é uma abstração. Nesse sentido, não dar juízos sobre os acontecimentos é mortificar a fé” (pp. 83-84). Se o conhecimento novo não está continuamente empenhado com os acontecimentos presentes, não penetra na vida, não é capaz de ser nem compreendido, nem assumido, e, sobretudo, como diz o capítulo, a fé é mortificada porque não escancara a razão.

Por isso, tanto do ponto de vista do método quanto do conteúdo, tenhamos presente neste mês tanto a Introdução do novo texto quanto o trabalho desenvolvido até agora sobre *Deixar marcas na história do mundo*, de modo que a nossa verificação não seja uma reflexão abstrata, mas consista em interceptar em nós esse conhecimento e afeição novos, como fizemos hoje, que nos permitem viver as circunstâncias da realidade de modo novo, como uma verdadeira “criatura nova”. Aliás, os desafios que estamos vivendo não deixam espaço para nos afastarmos desta urgência, como também veremos na Introdução que mencionei.

A próxima Escola de Comunidade acontecerá quarta-feira, 17 de junho, às 21h, na modalidade que comunicaremos com base nas indicações sanitárias para o próximo mês.

O livro do mês de maio é *O despertar do humano. Reflexões de um tempo vertiginoso*.

Este livro nasceu de uma circunstância particular: os responsáveis editoriais da BUR e da Rizzoli, a quem foram enviados a minha carta à Fraternidade e o artigo publicado no *Corriere della Sera*, acharam que seus conteúdos eram úteis para todos e, assim, fizeram-me a proposta de aprofundá-los. O resultado foi este e-book. Para mim, foi uma ocasião de reflexão sobre o que todos estamos vivendo, pondo à disposição de todos a riqueza que vivemos.

Atualmente o livro está disponível no formato e-book ao custo de 2,49 euros para o mês de maio, e por 3,99 euros de junho em diante. O editor informou que a versão física do livro estará disponível a partir de 12 de junho, pelo valor de 8,00 euros.

Fundo Comum. Na Escola de Comunidade de abril coloquei a necessidade, nesta situação que se apresenta muito difícil do ponto de vista econômico, de uma grande seriedade no compromisso com o Fundo Comum para fazer frente às necessidades que estão surgindo entre nós. Estou muito comovido por quantos de vocês acolheram este aviso aderindo ao critério de juízo expresso pelo Movimento, segundo a abordagem educativa original que Dom Giussani nos ensinou.

A *Passos* de maio está disponível on-line, e é grátis para todos. Nestes dois meses foi a única possibilidade, além da assinatura, para poder receber a revista e utilizá-la com os amigos e colegas. Sobre isso, permito-me apresentar a vocês a problemática das assinaturas: normalmente alguns milhares de assinaturas são feitas nos Exercícios Espirituais, mas este ano não houve tal possibilidade. Então, espero que vocês levem a sério a possibilidade de fazer a assinatura uma vez que – como vocês sabem – a assinatura de *Passos* representa a modalidade para sustentar a atividade de comunicação também através da página da Web.

Difusão da documentação do Movimento e de Dom Giussani. Lembro a vocês que o Movimento coloca à disposição no site, ou através de seus instrumentos oficiais, toda a documentação útil ao nosso caminho. Então, peço que vocês não favoreçam a difusão de outros documentos e materiais que podem estar alterados ou não verificados nas suas fontes, porque cria muita confusão num tempo em que através da Rede e das mídias sociais tudo pode ser facilmente passado por verdade.

Férias de verão. Muitos estão nos pedindo indicações sobre as férias de verão da comunidade, um gesto que nosso caminho educativo sempre propôs todos os anos e ao qual somos todos muito ligados. Acho que para julgar também esse aspecto da nossa proposta nestes tempos extraordinários é preciso que cada um olhe para a experiência vivida nestes dois meses. Alguém o chamou de “tempo suspenso”, como eu disse no início, mas a experiência que vi em muitos de nós foi tudo, menos isso! Foi um tempo pleno, denso de significado, de descobertas, embora em um contexto de vida completamente diferente de antes, com muitas restrições, que não foi decidido por nós. Então, se olharmos para a experiência que fizemos, talvez dali venha a melhor sugestão também para olhar para as férias de verão: não somos chamados a viver “suspensos”, nem a inventar algo para preencher um vazio, mas a viver também esta circunstância de modo imprevisivelmente diferente, como vimos esta noite. Que ganho podemos obter obedecendo às circunstâncias inevitáveis, como são estas, que não fomos nós que decidimos, deixando-nos mudar! Levando em conta a situação sanitária ainda em curso, as disposições a respeito até aqui emanadas pelo Governo e, também, as delicadas implicações legais, a circunstância atual está nos dizendo que não é possível propor o gesto das férias comunitárias. Naturalmente, nada impede que grupos limitados de pessoas e famílias, sob sua inteira responsabilidade, decidam organizar períodos de férias e convivência respeitando as normas vigentes. Porém, com o Centro do Movimento, avaliamos que Comunhão e Libertação enquanto tal, tanto em nível central quanto local, não será promotor de férias comunitárias algumas. Tenho certeza de que, depois, poderemos nos contar o ganho que tivemos com a obediência às circunstâncias e com a criatividade que nasceu daí.

Meeting de Rímini “Special Edition”. O Meeting 2020 – com o título “Sem maravilhamento, ficamos surdos ao sublime” – acontecerá de 18 a 23 de agosto, em Rímini. Encontros, mostras e espetáculos serão realizados sobretudo na modalidade digital no Palacongressi, de Rímini. Se as prescrições em vigor em agosto permitirem, será possível uma participação física de um número limitado de pessoas. Dada a situação particular, a participação dos voluntários é reservada a pessoas, em grande parte adultos, com competências específicas, que serão pessoalmente contatadas pelos responsáveis do Meeting. Outros voluntários que colaboraram com as últimas edições serão contatados para colaborar na divulgação do Meeting.

Divulgação de avisos do Movimento. Como já observado na última vez, foi criada uma nova plataforma web e o App “Avvisi CL” para a divulgação dos avisos centrais do Movimento. Convido-os calorosamente a baixarem esse app, enquanto é a única modalidade com que serão divulgados os avisos nacionais.

*Veni Sancte Spiritus*  
Boa noite a todos!